
RETRATOS SOCIOLINGÜÍSTICOS: ETNOGRAFIA NO CENTRO-OESTE DO BRASIL

Rosineide Magalhães de Sousa¹

RESUMO:

Este artigo apresenta duas pesquisas sociolinguísticas, realizadas por dois estudantes da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), da Universidade de Brasília (UnB), da Área de Linguagem: Linguística, que foram bolsista e colaboradora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID Diversidade), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Este trabalho registra experiências de pesquisadores iniciantes, que atuaram em suas comunidades campesinas como etnógrafos e que se utilizaram de pressupostos teóricos da Sociolinguística e da Metodologia etnografia para fundamentar o Trabalho de Final de Curso (TCC) e fortalecer seu comportamento e sua atitude linguística em relação a suas respectivas variedades linguísticas. Por meio do processo da produção de monografias, podem-se conhecer contextos sociais de pesquisadores oriundos do campo brasileiro, da região Centro-Oeste. Essas pesquisas revelam o modo de viver, a língua, a variedade linguística a identidade e a cultura de uma comunidade quilombola de Goiás e de uma comunidade campesina do Mato Grosso, contribuições que fortalecem a pesquisa sociolinguística aliada à metodologia etnográfica.

Palavras-chave: Linguagem. Sociolinguística. Etnografia. Diversidade cultural. Formação de professores e de pesquisadores.

ABSTRACT:

This article presents two sociolinguistic research, carried out by two students of the Degree in Rural Education (LEdoC), the University of Brasilia (UNB), Language Area: Linguistics, who were fellow and collaborator of the Institutional Program Initiation Grant to Teaching (PIBID Diversity), the Higher Education Personnel Improvement Coordination (CAPES). This paper reports the experiences of beginning researchers, who worked in their rural communities as ethnographers and who used the theoretical assumptions of Sociolinguistics and Methodology ethnography to support the work of Final Course (TCC) and strengthen their behavior and language attitude to their respective language varieties. Through the production of monographs process can be known social contexts of researchers from the Brazilian countryside, the Midwest region. These surveys reveal the way of life, language, linguistic variety the identity and culture of a maroon community of Goiás and a peasant community of Mato Grosso, contributions that strengthen the sociolinguistic research combined with ethnographic methodology.

Keywords: Language. Sociolinguistics. Ethnography. Cultural diversity. Training of teachers and researchers.

¹ Doutora em Linguística. Professora Adjunta da Universidade de Brasília, atuando na graduação e na pós-graduação. É líder do grupo de pesquisa Sociolinguística, Letramentos Múltiplos e Educação. É, também, coordenadora institucional do PIBID Diversidade/CAPES.

INTRODUÇÃO

A Sociolinguística é uma ciência que estuda a língua integrando o contexto social ao linguístico, visto que conforme Hymes (1972) o linguístico é social e o social é linguístico. Diante dessa afirmação, a pesquisa que se registra, neste artigo, tem como objetivo mostrar dois retratos sociolinguísticos, que contemplam a relação entre língua e contexto social, identificando cultura, identidade e história reveladas no modo de falar das pessoas. Essas pessoas são ou estão no Centro-Oeste do Brasil, precisamente no campo, em assentamentos da Reforma Agrária ou em comunidades tradicionais.

Segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Estatística, 2010, o campo brasileiro ainda abriga cerca 29.852.986 milhões de pessoas, para uma população de mais 200.000.000 de brasileiros. O Centro-Oeste, região do interesse deste artigo, tem cerca de 12.482.963 habitantes, sendo que 1.575.131 pessoas vivem no campo. E grande parte delas trabalha na agricultura de subsistência, produzindo alimentos para abastecer o mercado local e vizinho. Essa região também é muito explorada pelo agronegócio que se centra na produção de milho, de soja e na pecuária.

Com 88,8% de pessoas vivendo no contexto urbano, na região Centro-Oeste, que abriga três estados: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e o Distrito Federal, percebe-se por meio de pesquisas etnográficas que a cultural rural é muito marcante nas pessoas desse contexto, principalmente em relação à culinária, à influência da música sertaneja, e à variedade linguística.

Vale ressaltar que há muitas cidades pequenas com menos de 10.000 habitantes, no Centro-Oeste, que têm características bem rurais.

Para este artigo, serão retratadas uma pesquisa realizada no estado de Goiás, em uma comunidade quilombola, e uma pesquisa realizada no Mato Grosso, em um assentamento. No norte de Goiás, está localizado o maior sítio arqueológico quilombola, com 230 mil hectares e 4 mil pessoas, habitando os municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás. Esse sítio foi reconhecido em 1991 pelo Governo de Goiás, como sítio histórico da cultura Kalunga. Essa região está representada, neste artigo, pelo pesquisador G. F. O Mato Grosso, com o total de 2.482,801, na zona urbana, e 552.321, na zona rural, é representado pela pesquisa de L. T., que é moradora da zona rural, especificamente de um assentamento da Reforma Agrária do Brasil.

De quatorze monografias produzidas entre 2013 e 2015, na Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), da Universidade de Brasília (UnB), Campus Planaltina – DF, versando sobre temáticas em Sociolinguística, com base metodológica na Etnografia, foram selecionados dois trabalhos de pesquisa, de L.T. e de G.F., para ser contexto de estudo deste artigo, porque a pesquisa de L.T. representa um contexto mais macro de investigação e o G.F., um contexto mais micro. Os dois pesquisadores foram estudantes da LEdoC, da habilitação Linguagem. G.F foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência para a Diversidade (PIBID Diversidade), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e L.T., colaboradora desse programa.

A LEdoC é uma licenciatura, com duração de 3.500 horas, de Pedagogia da Alternância, cujo objetivo é formar professores para atuarem nas escolas do Campo, que conheçam a realidade desse território. Pedagogia da Alternância significa que a licenciatura em sua metodologia pedagógica tem o Tempo Universidade (TU) e o Tempo Comunidade (TC). No TU, os estudantes permanecem na universidade durante sessenta dias, por semestre, em período integral, recebendo uma formação acadêmica em que há a interface com assuntos relacionados a temas de sua realidade territorial e social.

O TC é o período em que os estudantes estão em sua comunidade, em atividades pessoais e, também, desenvolvendo atividades pedagógicas na escola do campo e em sua comunidade.

O trabalho de pesquisa de L.T. e de G.F é fruto da articulação do TU com o TC.. No TU, eles puderam conhecer a teoria da Sociolinguística no Componente Curricular “Introdução à Linguística” e no TU, puderam colocar em prática os conhecimentos desse componente juntamente com a metodologia da Etnografia. Isto é, aliaram à teoria a prática de investigação. Com resultado que é mostrado neste artigo, de forma parcial.

Diante do breve exposto, este artigo apresenta uma pesquisa com fundamentação teórica na Sociolinguística e na metodologia etnográfica, cujo objetivo é identificar e analisar conhecimentos sociolinguísticos, tais como atitudes e comportamentos linguísticos e a variação fonética/fonológica em duas investigações de pesquisadores iniciantes formados na LEdoC, que fizeram de sua realidade social dois férteis campos de pesquisa.

1. A SOCIOLINGUÍSTICA

Em 1964, em uma conferência na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA), nos Estados Unidos, pesquisadores discutiram temas sobre Linguagem e Sociedade, sob a coordenação de William Bright. Esse evento marcou a criação oficial da Sociolinguística, ciência do ramo da Linguística, considerada multidisciplinar (COUPLAND, 2016), porque recebe contribuições da Linguística, da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia social entre outras áreas afins. No caso desta pesquisa, associam-se conhecimentos da Sociolinguística aos da Etnografia.

Para a constituição da Sociolinguística, imprimem-se os trabalhos dos ilustres estudiosos: William Labov, pai da Sociolinguística variacionista, John Gumperz, Dell Hymes, Erving Goffman entre outros.

No Brasil, há inúmeras contribuições de sociolinguistas, que desenvolvem pesquisas dentro das vertentes dessa macro área, que são muitas, mas para este trabalho ressaltam-se Stella-Maris Bortoni-Ricardo, da Universidade de Brasília, que privilegia o campo da pesquisa acadêmica e da formação de professores com a Sociolinguística.

No que se refere ao escopo de investigação da Sociolinguística, Bright definiu que o objeto de estudo dessa ciência seria a diversidade linguística, envolvendo os fatores: identidade social das pessoas, contexto social, comportamento linguístico e atitude linguística (ALKMIM, 2012). Para Bell (2014), são muitos os contextos de pesquisa identificados nessa área, a depender do contexto de investigação e do foco da pesquisa. Por exemplo, a Sociolinguística variacionista (LABOV, 2008) tem como “objeto” de pesquisa a variação linguística.

Vê-se na obra organizada por Coupland, Srikant Sarangi e Christopher Candlin (2001), a discussão sobre teoria sociolinguística ou teoria social, em que se aponta a constituição teórica para a fundamentação das pesquisas realizadas nessa grande área, principalmente, considerando a pós-modernidade em que a etnicidade e a identidade são temas fortes da agenda da atualidade. Coupland (2001) observa, nesse livro, que a escolha do contexto sociolinguístico a ser pesquisado influencia na fundamentação teórica que será a base do trabalho de pesquisa. Neste trabalho, associam-se a Sociolinguística com a etnografia para identificar língua, cultura, identidade e etnicidade.

A Sociolinguística tem contribuído nos trabalhos da área de Linguagem: Linguística, da Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, porque é no domínio da sala de aula,

na reunião de pessoas de etnicidades distintas, que se aplicam as teorias da sociolinguística. Com os conhecimentos dessa vertente, os estudantes passaram a valorizar sua variedade linguística como cultura e identidade, mas também explorando a variedade de prestígio que desenvolve a competência comunicativa dessas pessoas, em suas interações sociais.

A Competência comunicativa, cunhada por Hymes (1974), constitui um conjunto de habilidades e de conhecimentos linguísticos necessários para que as pessoas de um grupo possam se entender dependendo do contexto de interação social. Isto é, essa competência consiste na nossa capacidade de interpretar como usar de maneira adequada o significado social das variedades linguísticas em qualquer contexto de interação.

Para Fishman e Lovas (1970), a Competência comunicativa é um ato de comunicação entre os interagentes em uma situação de interação regida por normas sociais. Essa situação de interação pode ser entendida como contexto de interação, atribuindo ao contexto o espaço físico, virtual, ou o que os interagentes trazem de conhecimentos e habilidades para reconhecer como se comportarem diante de seu interlocutor, utilizando a variedade linguística mais adequada à situação.

A Sociolinguística como fundamentação teórica possibilita, ao contexto em estudo, um olhar à dimensão social: quem são as pessoas que participam da investigação, identificando a escolarização, profissão, gênero, idade, redes sociais, origem geográfica, etc., fatores esses impressos por Labov (2008). A partir desses fatores, pode-se chegar ao conhecimento da variedade linguística utilizada por um determinado grupo social. A variedade linguística está relacionada à cultura, à identidade, à história, à interação desse grupo.

A indexação (JAFPE, 2016), de fatores extralinguísticos, revela a variação linguística, de um grupo de pessoas, isto é, a variação está condicionada ou é motivada conforme ao fato X ou Y. Por outro lado, a variação significa mudança social, pois constitui um complexo sistema de significação subjetiva e coletiva (ERCKET, 2016).

Em relação à variedade, mudança linguística, deve-se ressaltar o comportamento, a atitude e o sentimento em relação à língua, como o falante a percebe, pois como observa Calvet (2002), a língua não é um instrumento de comunicação que tiramos da caixa para utilizar e depois a guardamos. Língua representa identidade, cultura, história.

Diante disso, uma língua é de prestígio ou estigmatizada conforme os usos sociais. Assim, as atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico (CALVET, 2002). Atitude de manter, por exemplo, uma marca linguística, mesmo estigmatizada, pode ser a escolha de um falante para marcar sua identidade cultural. Por outro lado, manter-se calado em um contexto social, pode ser uma forma de insegurança linguística, considerando que certas pessoas estigmatizam a pronúncia X, de uma dada região do Brasil.

Certos comportamentos sociais podem valorizar mais um língua em detrimento de outra, quando fica evidente adotar uma norma linguística como a mais importante, mais pura etc.

2. ETNOGRAFIA

O vocábulo etnografia é oriundo do grego *ethnos* e *gráphein*. A primeira palavra significa etnia, povo; já a segunda, escrita, descrição, registro e estudo descritivo de uma atividade humana. A Etnografia é de natureza qualitativa, tem base na Antropologia, ciência que estuda, observa, descreve,

interpreta e classifica culturas e povos distintos. Essa metodologia foi, primeiramente, utilizada pelos antropólogos no final do século XIX. O trabalho de Bronislaw Malinowski é um clássico da pesquisa etnográfica, do início do século XX, que registra a cultura do povo de Trobriand da Papua – Nova Guiné. Com essa pesquisa, Malinowski lançou a obra *Argonautas do Pacífico*, em 1922.

A base da pesquisa etnográfica são a observação, a descrição, a interpretação e a análise de um determinado contexto, que envolve povo, território língua, cultura e identidade. É desse tipo de pesquisa que se extraem conhecimentos de diferentes povos com suas culturas e identidades. Segundo Kozinets (2014: 58):

A pesquisa etnográfica permite que o pesquisador adquira uma compreensão detalhada sutil de um fenômeno social, e depois capte e comunique suas qualidades culturais. Ela fornece um senso da experiência vivida pelos membros da cultura, assim como uma análise fundamentada na estrutura do seu grupo, como ele funciona, e como ele se compara a outros grupos.

Para o estudioso Erickson (1990), a Etnografia geral, da monografia etnográfica, consiste na tentativa de descrever e relatar analiticamente a globalidade da vida de um determinado grupo humano. Ela considera a economia, as leis, as relações familiares, a tecnologia, a religião, a cosmologia, a ciência e, principalmente, a linguagem de um povo. (ALMEIDA, 2015).

A afirmativa de Erickson cobre, de certa forma, o que se almeja mostrar nas pesquisas realizadas por pesquisadores iniciantes formados na Licenciatura em Educação do Campo, em que eles investigam sua realidade sociolinguística, compreendo a variedade linguística, a identidade, a cultura e a etnicidade de sua comunidade campesina.

Sabe-se que fazer etnografia é mergulhar na cultura, na história, nas identidades, nos costumes alheios. É uma forma de fazer uma leitura de um determinado mundo social sob a ótica de um olhar subjetivo ou objetivo do pesquisador.

Por outro lado, este trabalho revela a ótica de um olhar etnográfico de pessoas que se fizeram etnógrafos de uma realidade que não é do outro, mas de uma realidade que é a sua. O se tornar etnógrafo deu-se depois do conhecimento que cada pesquisador obteve dos conhecimentos dessa metodologia de pesquisa mais o despertar do olhar sobre o que está acontecendo aqui e agora (ERICKSON, 1990). O aqui e o agora se tornaram um contexto à pesquisa que antes não era visto como contexto para pesquisa, mas que passou a ser depois de se assumir o comportamento e a atitude de etnógrafo.

A Etnografia não consiste apenas em descrever uma comunidade, instituir relações, selecionar informantes, produzir diários, transcrever dados, mas, sobretudo, é um exercício intelectual que exige um esforço tanto dos pesquisadores quanto dos pesquisados para um trabalho que seja o mais denso e fiel possível a uma realidade social (GEETZ, 1989).

Geralmente, pensa-se no etnógrafo como um pesquisador de fora de uma comunidade, que vai desbravar a cultura alheia para mostrar ao mundo, uma cultura diferente, mediante a um parâmetro do que é diferente. Contudo, este artigo apresenta trabalhos de etnógrafos que saíram de uma comunidade considerada diferente ao olhar de uma sociedade urbana. Não foi um etnógrafo que se formou em uma universidade urbana e foi pesquisar em uma comunidade tradicional campesina, mas é um etnógrafo formado dentro de sua realidade social e ao mesmo tempo na universidade.

Hymes (1974) dá grande relevância à Etnografia, pois nela vê uma forma de leitura da diversidade de povos, de cultura e de identidades, algo fundamental à pesquisa. Diante dessa visão, mesmo as etnografias que são de base antropológica, que não focalizam, especificamente, a fala, traduzem por meio dela padrões e repertórios linguísticos, nos quais podem ser identificados valores, crenças, normas e comportamentos de um grupo social.

3. ANÁLISE: RETRATOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

Nesta parte, registram-se dois enquadres de pesquisa sociolinguística: o Retrato I consiste na pesquisa realizada por G.F. em sua comunidade, a Fazenda Coco. Nessa enquadrado o pesquisador faz um breve relato sobre a sua comunidade e sobre a língua dessa comunidade, demonstrando seu comportamento linguístico influenciado pela visão externa das pessoas (Excerto 1.1). O Excerto 1.2 registra, por meio de uma transcrição fonológica, uma interação face a face entre professor e estudantes (com idade entre 10 e 15 anos), realizada na sala de aula, da escola da Fazenda Coco. No Retrato II, excerto 2.1, L.T. apresenta seu trabalho sociolinguístico realizado em sua comunidade campesina Nova Conquista, município de Cácere – MT, observando a formação linguística dessa comunidade que se deu por meio da migração. No excerto 2.2, registra a variedade linguística desse território por meio da transcrição de L.T.

Na análise que se realiza neste enquadrado, observam-se três aspectos sociolinguísticos relevantes nas pesquisas de G.F. e de L.T.:

- 1) A apropriação por parte dos pesquisadores da teoria dessa vertente para realizar uma investigação que demonstra aspectos sociais e linguísticos de sua subjetividade para a realidade da comunidade onde estão inseridos. Isso revela muito de sua atitude em relação ao que foi aguçado por meio de uma leitura que só foi possível mediante conhecimentos sociolinguísticos, isso pode ser verificado na própria voz dos pesquisadores.
- 2) A realidade sociolinguística das comunidades pesquisadas consiste em revelar quem são os falantes, onde estão localizados, ressaltando sua identidade linguística e social, também aspectos revelados na voz dos pesquisadores.
- 3) O fenômeno linguístico tal como a variação fonético/fonológica que é a mais evidente no segundo excerto de cada retrato, o que se destaca da variedade linguística de cada comunidade para esta análise.

Sabe-se que os trabalhos realizados pelos pesquisados G.F. e L.T. abrem margem para uma análise de diversos contextos sociolinguísticos, contudo o foco, aqui, são esses três pontos.

RETRATO I – Sítio Arqueológico Quilombola – norte de Goiás: pesquisa de G.F.

Excerto 1.1

Esta pesquisa visa investigar e analisar as variações linguísticas de pessoas quilombolas da Fazenda Coco, integradas à Comunidade Kalunga Vão de Almas, ou seja, pretende-se investigar as diferentes maneiras que as pessoas pronunciam as palavras. Esta pesquisa é importante, porque muitos falam que nós, da comunidade, não sabemos falar de acordo com a dita “norma padrão”. Este tema teve origem durante minhas aulas de

Sociolinguística. Antes de estudar variação linguística, pensávamos que, nós da comunidade Fazenda Coco, falávamos errado. Ao estudar, aprendi que nós da comunidade não falamos errado, apenas falamos diferente. Nós, moradores, da comunidade Kalunga Vão de Almas, sofremos muito com esse tipo de preconceito linguístico. Por ser uma comunidade de difícil acesso, não temos escola com Ensino Médio. Assim, os jovens são obrigados a deixar a comunidade para concluir os estudos. Ao chegarem às escolas urbanas, eles são identificados como caipiras ou roceiros. Tudo isso porque falam diferente dos outros alunos. Éramos obrigados a aceitar as críticas, pois pensávamos que eles estavam certos. Após estudar Sociolinguística na universidade, com a professora R. M., tive a ideia de pesquisar sobre variação linguística para mostrar às pessoas da comunidade do Vão de Almas que não falamos errado, que esse nosso modo diferente de pronunciar as palavras é apenas variação linguística. E há na sociedade pessoas que apoiam e defendem esse modo diferente de falar.

Nesse excerto G.F apresenta o que foi realizado em sua pesquisa de Conclusão de Curso da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC). O objetivo da pesquisa é investigar a variedade linguística de sua comunidade, a Fazenda Coco, pelo seguinte motivo: G.F durante o curso teve a oportunidade de conhecer a Sociolinguística e de saber como ela poderia auxiliá-lo em desvendar um mito de comportamentos linguístico em relação à sua variedade linguística considerada “errada” por pessoas externas ao seu contexto social. O licenciando e pesquisador iniciante se apoiou em conhecimentos teóricos da Sociolinguística para realizar sua pesquisa de cunho etnográfico e fortalecer sua competência comunicativa, demonstrando que consegue dominar a norma de prestígio que exige o trabalho acadêmico monografia e, ainda, entender e explicar a variedade linguística de sua comunidade, cientificamente fundamentada. Em relação a atitudes e a comportamentos linguísticos, Calvet (2002: 65) afirma que:

[...] existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento. Pode-se amar ou não um martelo, sem que isso mude em nada o modo de pregar um prego, enquanto as atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico.

Excerto 1.2: A variação linguística da comunidade Kalunga Coco

Nesta parte, analisamos a fala espontânea de pessoas que nasceram e vivem na Fazenda Coco, com o objetivo de registrar, a identidade, a variedade linguística dessa comunidade, tendo em visto a história das pessoas quilombolas que lá vivem, mantendo sua identidade linguística. Nesta análise, vamos tratar a categoria fonético-fonológica, a que evidência mais a variedade linguística da Fazenda Coco. As análises serão feitas, considerando os usos mais frequentes de variações linguísticas de pessoas da Fazenda Coco, para isso, utilizamos excertos completos de fala das pessoas.

[...]

Essas conversas espontâneas foram realizadas em sala de aula multisseriada, com crianças e adolescentes, de dez a quinze anos, moradores da Fazenda Coco. Após o professor ter passado as atividades de sala de aula, os alunos se sentiram à vontade e começaram a dialogar entre eles e com o professor.

[...]

Professor: ieu vò cumeissa...tá demorandu vò cumeissa..cumeissei ta iscutanu não...chovê só cadernu ai pra que pra mim vê cumo ocê feis...ua ocê ta srego ta cum zoi grelado e num tá inxeiganu...oca meu desenhú hum hum o larizão do homu...

[...]

Oio ficô bunito a laronja cocê feis...vô aponta u lapu..ua a ponta inda num aponto não...o professor cume que lê esse nome aqui.. hum..hum num do conta não... oia a oreia num e oreia não é mão...vô prega meu desenhú bem aqui...não num oia não...mõe foi lá no rii ontu e so volto dinoitchão..ieu já tava druminu...

[...]

Condu ieu termina us istudo aqui ieu vò la pra goiana vò estuda La aqui é muitchu ruim...professor.. ocê vai viaja qui dia? Hum hum assim e ruim amonhô tem aula dinovu..ele num ta viajanu não ta ficanu é ai na istchada.. tudu dia viaja...

[...]

Condu pai foi la ni sa casa ocê num tava...amonhô tem vaicina aqui o homu falô...ocês queta mininu ocês inda quebra o deitchu...

[...]

Professor.. mõe mondô uma gurdura de coco procê...us mininu ontu tava cumenu gurdura de coco cum farinha e açuca iscundidu de nha..nha condo nhá nhá chegô viu a farinha dela derromada nu chão condu vai na lata de açuca só tinha um tiquim...mas ela já brigô.. mininu... QUEM CUMEU A AÇUCA QUI TAVA AQUI? SE IEU SABÊ QUEM É OCÊS VAI VÊ CAMBADA DE PESPE... O fulanu so pai tava brigonu cum quem hoje cedu era coce? Um..um num era cunheu não...O professor ieu queru mim borá já tá na hora ua... uuu pegui o livu errado...

No excerto 1.2, Observa-se a variedade linguística de pessoas jovens da Fazenda Coco. Pode-se dizer que se tem aqui o “português quilombola”, com marcas bem acentuadas na variação fonética/fonológica, no que diz respeito à troca e redução de fonemas. Tomando alguns exemplos: observa-se a utilização muito recorrente da vogal alta /u/ cumeissa (começar), demorandu (demorando), iscutanu (escutando), cadernu (caderno), cumo (como), cum (com), inxeiganu (enxergando), desenhú (desenho), ontu (ontem), contu (Quando), dinovu (de novo). Conforme Bortoni-Ricardo (2004: 80) “Em quase todas as variedades do português brasileiro, as vogais médias /e/ e /o/, quando ocorrem em sílabas átonas, antes ou depois de sílaba tônica, são pronunciadas /i/ e /u/.”, isto é, assumem as vogais altas.

Um fato que chama atenção nessa variedade é a troca da vogal nasalizada /ã/ pela vogal também nasalizada /õ/ em: laronja (laranja), mõe (mãe), amonhô (amanhã), condo (quando), mondô (mandar), caracterizando uma pronúncia média nasalizada. Uma marca bem peculiar da variedade dos falantes jovens da Fazenda Coco. Outro fenômeno peculiar é a ditongação de: cumeissa (começar), cumeissa (começa) e inxeiganu (enxergando). Nos dois primeiros casos houve ditongação da sílaba –me por –mei, resultando de uma sílaba canônica CV (consoante + vogal) para CVv (consoante+vogal+semivogal). Esse fenômeno é contrário ao que ocorre em alguns casos no Português Brasileiro, em que há monotongação de /ei/ para queijo (quejo), beijo (bejo), manteiga (mantega), feira (fêra) etc. Nesse caso, as palavras sofreram alteração na sílaba CVv (consoante+vogal+semivogal) para CV (consoante+vogal).

Para este quadro, não se deve alongar em outras análises, visto que um estudo mais aprofundado dessa variedade será publicado em livro posteriormente.

A motivação para a permanência de uma variedade linguística bem marcada na Fazenda Coco, mesmo os jovens tendo acesso ao letramento escolarizado, segundo G.F, é por que eles têm muito

contato com os mais velhos (pais e avós), influenciando na forma de falar desses jovens. Também a Fazenda Coco é distante de cidades, o que faz com que esses jovens preservem sua identidade linguística.

Diante disso, G.F. observa, ainda, que as crianças e jovens têm muita dificuldade em entender a norma dos livros didáticos e a variedade linguística do professor, fazendo com que o professor, sendo da comunidade, assuma a variedade linguística local para fazer a mediação para a norma de prestígio do Português Brasileiro. Nessa mediação, ter os conhecimentos da Sociolinguística faz diferença no trabalho pedagógico, para não se estigmatizar os estudantes, mas compreender que eles falam o dialeto regional e a escola pode trabalhar neles a competência comunicativa, conduzindo-os ao alcance da norma de prestígio.

RETRATO II – Comunidade Nova Conquista – Mato Grosso: pesquisa de L.T.

Excerto 2.1

Este trabalho analisa a variedade linguística da comunidade Nova Conquista, localizada no município de Cáceres, Mato Grosso. Além disso, será observada como está estruturada a formação linguística da comunidade através do processo migratório que se deu há 16 anos nessa localidade. O processo histórico dessa comunidade se deu pela conquista da terra, trazendo vários povos de diversas regiões mato-grossenses com sotaque mineiro, paulista, baiano e encontrando também os povos cuiabanos e pantaneiros, perfazendo uma mistura de linguajares e com o passar do tempo, uma variedade foi se sobrepondo a outra, às vezes, de forma natural ou não. Apresentam-se nesta pesquisa os modos de falar da população da comunidade Nova Conquista, no intuito de analisar os fenômenos micro da fonologia, morfologia, do léxico e a relação semântica da fala dos povos nativos que são oriundos da região cacerense e baixada cuiabana. Com seus dialetos próprios, os mesmos apresentam uma riqueza imensa ao comunicarem uns com os outros da mesma família, com a sabedoria de seu povo trazido de pai para filho, com seu jeito peculiar de tratar as coisas, cantando canções mato-grossenses. Principalmente, desde contar os causos e ao cumprimentar as pessoas de forma humilde, não preocupados com regras padrão estabelecidos na sociedade. Diante disso, este trabalho aborda a Sociolinguística, vislumbrando a interação e também o comportamento da pessoa na perspectiva da integração do indivíduo em seu meio social. Utiliza o uso da língua dentro de uma determinada cultura, no espaço social e mostrando sua identidade. Contudo, trabalha com os conhecimentos de outras áreas estabelecendo uma variedade multidisciplinar. Uma das motivações que provocou o interesse por este assunto foi a partir, do conhecimento do tema, o estudo da disciplina de Sociolinguística, com a professora R. M., no curso de Licenciatura em Educação do Campo, na Faculdade de Planaltina, em Brasília. Principalmente, quando se estuda o linguista Marcos Bagno, em seu livro “Nada na Língua é por Acaso”, que aborda a Sociolinguística, cuja teoria fomenta a todo instante a necessidade de estarmos atentos a valorizar o sujeito falante com suas diversidades linguísticas. Dessa forma, este trabalho de pesquisa, também, é decorrente das observações durante o período de estágio que foram realizados em Tempo Comunidade (TC). O presente trabalho será desenvolvido por meio da metodologia qualitativa que tem como objetivo identificar os traços linguísticos (BORTONI-RICARDO, 2008. p.49) e “valem de procedimentos etnográficos para geração de registros”. E também desvelar o que está sendo invisível diante da rotina em que os falantes vivem estruturalmente na respectiva

comunidade pesquisada. Para Bortoni-Ricardo (2008), as pessoas acostumam com as rotinas, e, no entanto, não percebem a riqueza que tem em seu vocabulário, nas relações sociais que são vivenciadas no seu cotidiano.

Excerto 2.2

Paulista- Jovem G. A. N...fia..pensei que ia morrerê..fui cortá cana pá vaca. E o suó mi deixô moiadinho..descia pela carça a fora. Achei qui não ia tá no mei docéis mais não. (8:hs da manhã, 21/09/13, por telefone)

Mineiro-senhor J. S. T. ...Dexá o minino muintá no cavalo..a gente tem qui deixá as crianças sem dependê da gente. Vai pindia o cabelo..pá ficá bonito.. né ..memo. (9:hs conversa informal, 22/09/13)

Cacerense-senhor A. S....Má a gente não podê deitchá o tanque ir embora..se não vai falá qué nós somu preguiçoso.. nós..não é não. ãhãã. (29/09/13, às 15hs, da tarde, reunião de produtores de leite)

Cacerense-senhora T.S....Espia.. só ele não tem jeitu memo..a gente tá falano.. e ele sai correno.. não ove o que tá falano. Os minino de oji não tem mais jeitu não. Matogrossense,jovem D. T...natural de Araputanga “O armoço tá pronto tia neti,” o uso do /r/ é muito utilizado nesta comunidade, durante os momentos de fala, que são realizados entre um diálogo e outro e até mesmo pelo radialista senhor C. O, da rádio local, em que veicula a comunicação para as comunidades da região e em todo o município. Exemplo; É população de Cáceres, assentamentos e toda região, “nóis, não vorta prá casa, chorando, mais vorta sorrino, por que nós somo paulera, nós não brinca não. Segura! Que nós ta cheganu. (01 de setembro, véspera de rodeio, fala pela rádio da cidade, às 12hs, divulgação da expocáceres).

Cacerense- senhora S. P.A....Já falei pro omi tem que cume um quebra torto.. dona Luzinete.. senão vai ficá doenti.. jururu. Mais ele num tá nem aí pá paçoca.

Cacerense-senhora R. A. O....Má agora quando! Eu não vô pá esse buteco porque vira sempre numa futchicaiada só. Tem monte de gente que é leva e trais..dá disgosto na gente..votê!

Cacerense R.P.M ...“o Coxipó encheu”, se lê/ o cotchipó entcheu. das minhas galinhas. ...Fui ité numa muié qui Adão. Esse dois só vive nesse..fica duvido dum e duvido notro, hum!. Já vem da iscola nesse tropé..uai..diz que entraram pra crente prá concentrá.. mais só fica quebrantano um com otro. ...I tava inté cum dinherin..tava cum otocento reá..ma comprô esse remédio.. cabô ... mas num sei o qui é..to mi ripiano tudo..ma tenho qui comê [...] Ele fez prestaçõn compro geladera.. tiro num sei que lá televison.. eta na casa aeio..e na casa aeio quanto mais ajuda ainda é poco. Disqui... 43 [...] quando o poço tava cheio, e tava enchendo a catcha [...] num tá funcionando encima..tem qui comprá outra.. entchia..entchia e perdia tudo.

No excerto 2.1, L.T. registra o objetivo de sua pesquisa sociolinguística, que vem de uma etnografia de anos de observação, assim, como G.F., mas que se torna uma pesquisa etnográfica a partir do momento em que ela sistematiza seu trabalho por meio de um contexto delimitado. O objetivo de investigação de L.T. é registrar a variedade linguística da comunidade campesina de Nova Conquista, um lugar que agrega pessoas oriundas de diferentes partes do Brasil, além das pessoas da região de Mato Grosso: os povos cuiabanos e pantaneiros.

Em Nova Conquista, há interação de variedades linguísticas que se sobrepõem, mas também, há interação de culturas, de costumes de identidades, que marcam a heterogeneidade sociolinguística

brasileira. Segundo Bell (2014), o contato entre línguas, variedades linguísticas, resulta, principalmente, da interação entre as pessoas de diferentes línguas, ocasionada pela mobilidade territorial, da história recente ou do passado. Ou, ainda, por vários outros motivos que levam as pessoas a irem de um lugar para o outro, buscando melhores condições de vida.

A comunidade Nova Conquista é um território formado por camponeses oriundos de São Paulo, de Minas Gerais, do Nordeste, do Sul do Brasil e, principalmente, de lugares do próprio estado do Mato Grosso, que foram formar um assentamento de famílias, com o objetivo de exercerem suas atividades agrícolas. Visto que, o estado do Mato Grosso é muito favorável para esse tipo de atividade. Nesse contato de pessoas, há o contato de cultura, de história, de identidades, de costumes etc. Essas interações sociais são interações linguísticas.

Dessas interações, L.T. destaca, em sua pesquisa, análises referentes aos níveis: morfológico, sintático, lexical e fonético/fonológico do contexto investigado. Contudo, para este enquadre, analisa-se o nível fonético/fonológico das falas de pessoas do Mato Grosso, precisamente de Cáceres, que constam no excerto 2.2.

Antes dessa análise específica, vale registrar, a redução do fonema /r/ em verbos no infinito, na fala de pessoas de praticamente todas as regiões do Brasil, escolarizadas e não escolarizadas, como evidencia os exemplos das falas de pessoas de Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso, do exceto 2.2.: morê (morer), cortá (cortar), deitchá (deixar), muntá (montar), dependê (depende), falá (falar), duvidá (duvidar), concentrá (concentrar). Essa mudança linguística vem se expandindo de forma que já é muito verificada na escrita de muitas pessoas que participam do letramento escolar. Segundo Bortoni-Ricardo (2004: 85):

Em todas as regiões do Brasil, o /r/ pós-vocálico, independentemente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais (correr: corrê; almoçar - almoçá; desenvolver – desenvolvê; sorrir – sorri). Quando o suprimimos, alongamos a vogal final e damos mais intensidade a ela.

No que se refere à especificidade da análise, destacam das falas dos Cacerenses: deitchá (deixar), cotchipó (coxipó), entcheu (encheu), entchia (enchia), fenômeno em que ocorre o acréscimo da consoante oclusiva surda linguodental /t/ antes da consoante fricativa surda palatal aqui representada pelo ch. Esse fenômeno é contrário ao que ocorre no Centro-Oeste, em Goiás, onde é generalizado o acréscimo da consoante fricativa surda palatal depois da consoante oclusiva surda linguodental acompanhada da vogal média /i/ oral e nasalizada, como mostram os exemplos: tchia (tia), tchinha (tinha), tchiveram (tiveram), Tchina (Tina), tchigela (tigela).

Esse fenômeno fonético que ocorre em Cáceres pode ter influência no contato com pessoas que falam Espanhol, Guaraní, ou outras línguas da Bolívia, visto que a região de Cáceres fica muito próxima da Bolívia. Essa é uma asserção que pode ser confirmada ou desconfirmada com investigações mais específicas. Por agora, fica formulada para este artigo essa asserção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo sintético, pode-se verificar em retratos sociolinguísticos duas pesquisas que revelam desde o contexto de interação de variedades linguísticas, registrando, culturas, identidades, comportamentos e atitudes linguísticas, às marcas de variação linguísticas peculiares, de nível fonético/fonológico, de duas localidades da região Centro-Oeste do Brasil. Isso confirma a heterogeneidade sociolinguística dessa região com suas idiossincrasias. Por outro lado, reforça a contribuição da Sociolinguística e da Etnografia à formação de pesquisadores que olhem para própria realidade social.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia. **Sociolinguística**: parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs). **Introdução à linguística**: domínios e fronteira. São Paulo: Cortez, 2012, p. 23-50.
- ALMEIDA, Severina Alves. **Etnossociolinguística e letramentos**: contribuições para um currículo bilíngue e intercultural indígena Apinajé. Brasília: UnB, 2015 (Tese de Doutorado em Linguística).
- BAGNO, Marco. **Nada na língua é por acaso**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BELL, Allan. **The guidebook to sociolinguistics**. Oxford: Wiley Blackwell, 2014.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- _____. **Do campo para a cidade**. São Paulo: Parábola, 2011.
- _____. **O professor pesquisador**. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. **Educação em língua materna**. São Paulo: Parábola, 2004.
- CALVET, Louis Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Sociolinguística**. Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs). **Introdução à linguística**: domínios e fronteira. São Paulo: Cortez, 2012, pp. 51-84.
- COUPLAND, Nikolas. **Sociolinguistics**: theoretical debates. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- COUPLAND, Nikolas; SARANGI, Srikant; CANDLIN, Christopher N. **Sociolinguistics and social theory**. London: Pearson Education, 2001.
- DURANTI, Alessandro; GOODWIN, Charles. **Rethinking context**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- ECKERT, Penelope. Variation, meaning and social change. COUPLAND, Nikolas. **Sociolinguistics**: theoretical debates. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, pp. 68-85.
- ERICKSON, Frederic. **Qualitative methods in research in teaching and learning**. Vol 2. New York: Macmillan Publishing Company, 1990.
- FISHMAN, Joshua; LOVAS, John. **Bilingual education in a sociolinguistic perspective**. In: TESOL quarterly, v. 4, pp. 215-222, 1970.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 2012.
- Hymes, Dell. **Foundations in sociolinguistic**: a ethnographic approach. Filadélfia: University Press, 1974.

HYMES, Dell. **On communicative competence**. In: PRIDE, J.B. HOLMES, J. *Sociolinguistics*. London, Penguin, 1972.

JAFFE, Alexandra. Indexicality, stance and fields in sociolinguistics. In: COUPLAND, Nikolas. **Sociolinguistics: theoretical debates**. Cambridge: Cambridge University Press. 2016, pp. 86-112.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisas etnográficas online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

ROCKWELL, Elsie. **La experiencia etnográfica: história e cultura en los procesos educativos**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2009.

SOUSA, Rosineide Magalhães. **Gênero discursivo mediacional, da elaboração à recepção: uma pesquisa na perspectiva etnográfica**. Brasília: UnB, 2006. (Tese de Doutorado em Linguística).

www.ibge.gov.br. Acesso em 29/09/2016.

www.portalbrasil.net/regiao_centrooeste.htm. Acesso em 30/09/2016.